

A COLÔNIA FOI MODELO PARA A METRÓPOLE?

Aline Martins de Almeida
Universidade Presbiteriana Mackenzie e Universidade Metropolitana de Santos
aline.almeida@mackenzie.br/ aline.almeida@unimes.br

Hélder Manuel Guerra Henriques
Instituto Politécnico de Portalegre e Universidade de Coimbra
helderhenriques@esep.pt

Resumo:

As Exposições e os Congressos Nacionais e Internacionais propiciaram o vislumbre, o desejo e o fetiche para a inserção de novas técnicas e de novas mercadorias que se tornaram sinônimos de progresso e de ciência. Além dos grandes “espetáculos” referendados nestes eventos, que propiciaram a circulação e a apropriação de conhecimentos, as viagens de alguns educadores influenciaram não apenas a inserção de metodologias estrangeiras no Brasil, mas, as experiências brasileiras também fizeram-se presentes no continente europeu. Deste modo, este trabalho tem como objetivo apresentar alguns destes entusiastas em prol da educação dos cegos em terras lusitanas: a educadora do Instituto Imperial de Meninos Cegos (atual Instituto Benjamin Constant – IBC, localizado no Rio de Janeiro), Adèle Marie Louise Sigaud; o educador francês, Léon Jamet, organista na Igreja de São Luís dos Franceses e ex-aluno do Instituto de Cegos de Paris e; o jovem português, José Cândido Branco Rodrigues, que, ao ver seu avô perder a visão, passou a dedicar-se à causa da educação e da assistência aos cegos de Portugal. Estes três entusiastas, se encontram em 1885 e, a partir de então, iniciam sua empreitada no território português em prol da educação dos invisuais: a fundação de uma Associação Promotora de Educação dos Cegos em Lisboa (1888) e do Jornal dos Cegos (1895), além da participação da inserção de uma proposta educacional no Asilo de Cegos de Castelo de Vide (1894). As mudanças centraram-se na implementação de um currículo que seguiu os moldes brasileiros e franceses, além do uso e da aplicação de diversos recursos didáticos apresentados em Congressos e Exposições Internacionais. Sob este prisma, a educação do público cego assumiu os patamares da modernidade, por meio de vários enquadramentos institucionais, entre eles: a perspectiva assistencialista (o cuidar), a perspectiva educativa (o educar) e a perspectiva industrial (formação para o trabalho), estes que viabilizaram e alicerçaram a educação dos infantes “anormais” e “desvalidos”. Contando com o aparato da cultura material escolar e de um corpus documental que envolveu legislações do período, manuais de ensino, compêndios, relatórios, atas, jornais, cartas e fotografias, este estudo também objetiva analisar e refletir sobre as questões de gênero, status social e a propagação de conhecimentos tanto no país “colonizador” quanto no país em que serviu de modelo para a implementação e divulgação de métodos, modelos e experiências para a educação dos cegos.

Palavras-chave: educação dos cegos; cultura material escolar; internacionalização e transnacionalização de ideias.

Introdução

As Exposições e os Congressos Nacionais e Internacionais propiciaram o vislumbre, o desejo e o fetiche para a inserção de novas técnicas e de novas mercadorias que se tornaram sinônimos de progresso e de ciência (Kuhlmann Júnior, 1996). Além dos grandes “espetáculos” referendados nestes eventos, que propiciaram a circulação e a apropriação de conhecimentos, as viagens de alguns educadores influenciaram não apenas a inserção de metodologias estrangeiras no Brasil, mas, as experiências brasileiras também fizeram-se presentes no continente europeu.

Desta forma, este trabalho tem por objetivo central apresentar as “viagens” dos sujeitos que construíram a história da educação dos cegos luso-brasileiros e, também, a trajetória de dois pesquisadores que, por meio de um encontro em um Congresso, formaram parcerias de pesquisas entre Brasil e Portugal por meio da orientação do doutorado sanduíche, do re (conhecimento) de espaços de investigação (como a atual Fundação Nossa Senhora da Esperança), da arguição na banca, e, para a exposição deste trabalho, uma das sínteses das conclusões da tese de doutorado defendida por Almeida (2018) no Programa de Estudos Pós Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Diante de tantos deslocamentos, vamos retornar aqui algumas das viagens pedagógicas históricas, o que nos permitiu construir a trajetória da educação dos cegos portugueses e brasileiros.

Uma destas viajantes foi a educadora do Instituto Imperial de Meninos Cegos, Adèle Marie Louise Sigaud. A educadora, que sempre manteve contato com o Instituto de Cegos de Paris, partiu para terras europeias em 1885. Seu primeiro destino foi Portugal, onde se encontrou com outro educador francês, o cego Léon Jamet, organista na Igreja de São Luís dos Franceses e ex-aluno do Instituto de Cegos de Paris (Amado, 2007).

Neste período, conheceram José Cândido Branco Rodrigues (1861-1926), um jovem nascido no seio de uma família da alta burguesia lisboeta, que, ao ver seu avô perder a visão, passou a dedicar-se à causa da educação e da assistência aos cegos de Portugal, tornando-se o pioneiro no estabelecimento de condições que tornassem

possíveis a escolarização, a preparação profissional e intelectual dos deficientes visuais e a sua progressiva inclusão social.

Para tal empreitada, no período de 1885 a 1888, Branco Rodrigues, como assim passou a ser conhecido, aprofundou seus conhecimentos sobre a cegueira e os respectivos métodos de ensino empregados tanto no Brasil quanto na França com o apoio de Adèle e Léon.

Com o apoio destes e do governo português, fundou em 1888 a Associação Promotora do Ensino dos Cegos ensinando alguns alunos o braille. Entusiasmado com os progressos de seus alunos, nos anos seguintes, passou a buscar outras instituições na Europa e em Portugal que desenvolvessem tal trabalho educacional.

Em 1894, conheceu o Asilo de Cegos de Castelo de Vide¹, uma instituição de cunho particular que promovia o acolhimento e a educação deste público. Branco Rodrigues vislumbrou neste local um potencial de implementação e divulgação de métodos inovadores de ensino que aprendera durante suas viagens.

Contando com a parceria de Antonio José Repenicado, um dos diretores do Asilo, passaram a repensar acerca das novas práticas assistenciais e educativas que deveriam estruturar-se em três dimensões: intelectual, musical e industrial (sendo que a intelectual cultiva a inteligência, a musical cultiva um meio de existência e também de distração social e a industrial sendo um meio de vida) (Almeida e Henriques, 2017).

As mudanças centraram-se na implementação de um currículo que seguiu os moldes brasileiros e franceses, baseado nas disciplinas de francês, geografia, história, português, matemática e música; na diminuição da faixa etária para admissão na instituição (a partir dos 6 anos) e na criação de oficinas profissionalizantes.

Sob este prisma, a educação da infância assumiu os patamares da modernidade, por meio de vários enquadramentos institucionais, entre eles: a perspectiva assistencialista (o cuidar), a perspectiva educativa (o educar) e a perspectiva industrial

¹ O Asilo de Cegos de Castelo de Vide, localizado na região alentejana de Portugal, foi instituído em 20 de julho de 1863 por João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro e por sua esposa D. Helena Isabel de Barros Castel Branco Juzarte de Sequeira e Sameiro, um asilo de cunho privado, para manter cegos de ambos os sexos em Castelo de Vide (Portugal). Esta instituição foi criada tendo como finalidade dar assistência, primeiramente, aos membros da família Sameiro, que sofriam com o problema da cegueira e depois suas portas foram abertas ao público invisual e desvalido. Para a manutenção do estabelecimento, contavam com o pagamento de pensões e doações para os menos favorecidos. Atualmente, funciona como um asilo para idosos e seu nome foi modificado para Fundação Nossa Senhora da Esperança em 1987.

(formação para o trabalho), estes que viabilizaram e alicerçaram a educação dos infantes “anormais” e “desvalidos” (Fernandes, 2006).

Para garantir a “modernidade” neste espaço, divulgar tanto o trabalho do asilo quanto das experiências educacionais das quais manteve contato e manter as oficinas profissionalizantes instaladas no interior do asilo, Branco Rodrigues fundou o *Jornal dos Cegos*.

O *Jornal dos Cegos*, uma revista de tiflogia, educação, ensino intelectual e profissional dos cegos foi editada em Lisboa, no período de Novembro de 1895 a 1920, num total de vinte e três volumes. O valor da venda dos jornais seria repassado às Oficinas Branco Rodrigues e, posteriormente, às escolas de cegos de Lisboa e do Porto.

O *Jornal dos Cegos* veiculou experiências de diversos institutos estrangeiros e alguns destes foram exemplificados com publicações como a *Institution Nationale des Jeunes Aveugles* (Paris), *Asylo de rapazes entevados e pobres de São João de Deus* (Paris), *Escola Braille em Saint-Mandé* (arredores de Paris), *Instituto das irmãs cegas de São Paulo* (Paris), *Real Colegio Normal e Academia de Música para os cegos* (Londres). Também foram divulgadas as oficinas profissionalizantes para meninos e meninas, as aulas de música, ensino religioso e ginástica, o uso do braile, a imprensa braile, os recursos pedagógicos empregados como mapas zoológicos, cubaritmo, método e materiais de Fröebel, além da publicação de correspondências das quais Branco Rodrigues estabeleceu contato (Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Canadá, China, Dinamarca, Egito, Espanha, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha: Escócia, Inglaterra e Irlanda, Holanda, Itália, Japão, México, Noruega, Rússia, Suécia e Suíça) e dos trabalhos desenvolvidos no próprio Asilo.

Uma das personagens com qual Branco Rodrigues continuou mantendo contato foi Adéle, a qual parabenizava-o pelos trabalhos desenvolvidos:

Meu Senhor - Seu artigo publicado ontem no *Seculo* tem vivamente a prova o quão perseverante e generoso a sua causa em prol do sucesso e da regeneração em favor dos cegos. Eu, como a sub-diretora da Escola de Pedrouços, venho expressar os mesmos sentimentos ao homem de coração, que entende a utilidade de um trabalho tão humano e simpaticante. Por favor, senhor, confie e confie na minha grande consideração (*JORNAL DOS CEGOS*, nº 02, dezembro de 1895)².

² A carta foi publicada em francês no *Jornal dos Cegos*. No original: *Monsier – Votre article paru hier dans le Seculo m’a vivement ému et me prouve combien vous êtes persévérant et généreux dans la poursuite de l’auvre régénération en faveur des aveugles. J’ai charge la sous-directive de l’École de Pedrouços d’exprimer mêt sentiments à l’homme de coeur, qui comprend si bien l’utilité d’une aeuvre aussi humanitaire que*

Em conformidade aos programas das instituições europeias e do Brasil, o método adotado no Asilo de cegos de Castelo de Vide atendeu ao seguinte currículo: a leitura e a escrita em pontos salientes, segundo o sistema braile, a ortografia, o cálculo, o estudo pelo tato dos objetos usuais, as lições de coisas, a geografia, por meio de mapas em relevo e globos especiais, fabricados na própria escola, as narrações mais importantes da história nacional, a biografia dos grandes homens, os exercícios de recitação, as explicações das palavras, a música. Aos 13 anos e depois de um exame de disciplinas que aprenderam, os alunos entram para a oficina (Jornal dos Cegos, nº3 de janeiro de 1896).

O método intuitivo era o mais adequado, pois

Os nomes das acções familiares são depressa conhecidas pela sua significação; para os nomes dos objectos, é necessário recorrer ás lições de cousas; é apalpando os objetos que se substitue a observação visual. O tacto dá-lhes a idéa da extensão, da grandeza, da espessura, do que é áspero, do que é polido, do que é macio, do que é duro, e de todas as fórmas geometricas; o relevo das fórmas humanas e das obras de arte póde dar-lhe o sentimento do bello.

Mas é especialmente o sentido do ouvido que abre aos cegos horisontes immensos, sobre as paixões da alma.

Distinguem, pelas modulações da voz das pessoas com quem fallam, os sentimentos que as animam; a benevolencia, a bondade, a ternura, todos os graus do contentamento e da tristeza, da alegria e do soffrimento, da felicidade e do infortunio.

A musica não é uma arte de recreio para os cegos: é um poderoso meio de educação moral (JORNAL DOS CEGOS, nº 06, Abril de 1896).

Um estudo que norteou as práticas do Asilo foi a obra *Os cegos* pelo cego M. De la Sizeranne, publicados no Jornal dos cegos no período de 1896 a 1898. A obra compreendia assuntos como: a psicologia do cego, a educação dos sentidos, a aprendizagem por meio da natureza, a igualdade de comportamento entre os cegos e os videntes, a comparação de aprendizagem entre o cego e o surdo, a educação física e moral, o uso do sistema braile e a importância do conhecimento intelectual.

É verdade que o cego de nascença ficará privado de certas noções que só os olhos podem dar, mas exagera-se muitas vezes o numero e a impotancia d'essas noções. Em primeiro logar ha relativamente poucos cegos de nascença, e alem d'isso não julgo temerario sustenta que, philosophicamente, o sentido da vista não tem a prepoderancia que se

lhe tem attribuido á priori. O ouvido e o tacto ministram mais conhecimentos, e especialmente mais conhecimentos precisos, do que a vista, que engana muitas vezes e que necessita constantemente de ser auxiliado pelo tacto, **essa vista de perto**. O ouvido põe o homem em communição directa com os seus semelhantes, por consequencia com o mundo moral e intellectual; o tacto, o gosto e ainda o ouvido é que o põe em relação com o mundo physico. Que lhe falta então, e o que é que a vista ajunta aos conhecimentos intellectuaes? (JORNAL DOS CEGOS, nº17, Março de 1897, p. 135 e 136).

Para o desenvolvimento dos conhecimentos intelectuais, associado ao método, foram utilizados os seguintes recursos de aprendizagem que visavam a lição de coisas:

Ensino da escrita e leitura em braile e escrita comum

Para o desenvolvimento da escrita e da leitura, o sistema adotado foi a aprendizagem do braile por meio do uso de placas, regletes e da punção.

Porém o sistema braile sofreu uma alteração em sua aplicabilidade. Segundo Branco Rodrigues, foi associado o método estenographico ao braile, este que era uma breviatura do sistema braile, modificando alguns sinais para melhor aplicabilidade à língua portuguesa.

Mapas em relevo

Os mapas utilizados no Asilo foram produzidos em relevo. Para a construção do mapa, foram utilizados materiais como madeira, pinos de metal e pregos para identificação das planícies, planaltos e limites territoriais. Estes poderiam ser utilizados sobre as mesas ou expostos na sala, de modo que o aluno tivesse acesso ao mesmo.

Museu Tifológico para o ensino dos cegos

Em exposição na lateral da Igreja da Fundação Nossa Senhora da Esperança, o museu typhologico do Asilo de Cegos de Castelo de Vide foi instituído em fevereiro de 1899 tendo como base o ensino da história natural por meio do uso de animais taxidermizados, da geografia por meio do uso de mapas, da matemática, por meio do uso

do cubaritmo, para as noções e habilidades da primeira infância, os materiais fröebelianos. As coleções foram doadas pelo diretor do Instituto de cegos de Amsterdam, sr. H.J.Lenderink, pelo barão de Rosenthal, consul de Portugal nos países baixos e Raphael Bordallo Pinheiro (artista que doou inúmeros objetos).

A exposição compreende: Uma collecção completa do material para o ensino das lições de cousas, pelo methodo de Froebel, applicado ao ensino dos cegos. Compõe-se de onze caixas contendo: Espheras, cylindros, cubos, parallelipedos, prismas, planchetas, tiras de papel e madeira para entrelaçados e tecelagem, massos de pausinhos para a formação de letras e objectos usuaes, círculos e semi-círculos de metal para a formação de diversos desenhos, rolhas e ervilhas de cera, desenhos explicativos impressos em papel e outros em madeira recortada. Uma collecção de dezeseis solidos de madeira: cylindro, pyramides conicas, triangulares, quadrangulares e truncadas, prismas, etc. Uma collecção de dez medidas, em cartão, para solidos desde o meio decalidro até ao meio hectolitro. Uma collecção de seis medidas para liquidos, desde o centilitro até ao litro. Duas collecções de alphabets romanos em metal e em madeira e metal, para compor palavras, e o respectivo componedor. Uma collecção de tres aparelhos para calculo. Dois aparelhos para a escripta dos cegos. Uma collecção zoologica composta de dez animaes, sendo quatro embalsamados e seis em pasta. Os animaes embalsamados são: um pato, um coelho, uma coruja e um esquilo. Os animaes feitos em pasta são: um boi, um chimpanzé, um urso branco, um lobo, um veado e um elephante. Estas collecções, que teem um grande valor pedagogico, são iguaes ás que se adaptam no Instituto dos Cegos de Amsterdam, um dos mais completos da Europa, e foram organisadas, a pedido do benemerito doador, pelo director d'aquelle estabelecimento de ensino, sr. H. J. Lenderink. No dia 1 de março serão remettidas para as Officinas Branco Rodrigues de Castello de Vide (JORNAL DOS CEGOS, nº42, abril de 1899, p. 337).

Animais taxidermizados

Os primeiros animais taxidermizados do Asilo eram provenientes de Amsterdam. Depois da implantação do Museu Tiflológico, os animais passaram a ser provenientes das Universidades de Lisboa e de Coimbra. Estas duas instituições encarregaram-se de doar um amplo acervo de aves, de um cervo, uma raposa, uma jaguatirica, um rato do mato e um peixe em tamanhos naturais tendo como finalidade a inovação do ensino.

Para a educação dos cegos, principalmente, os animais taxidermizados provocaram estímulo sensorial e conhecimento da natureza, possibilitando-lhes caracterizar cada animal conforme conheciam por meio de explicações e da imaginação,

além de promover a atenção.

A percepção sensorial dos objetos taxidermizados estava em estrito vínculo com a produção de conhecimento sobre a natureza, animais taxidermizados eram fontes de estudo da morfologia externa e vetores para o conhecimento de suas relações no mundo natural. Pela observação das imagens da coleção, percebe-se que não só os elementos morfológicos, mas o próprio universo das cores e das formas da natureza presentes nos pelos, nas penas, nas patas e nos bicos dos animais, elementos que concorrem para a atração da atenção (MADI FILHO, 2013, p. 62)

Biblioteca em braile

A Biblioteca em braile do Asilo de Castelo de Vide foi composta no fim do século XIX, contando com doação de obras como as transcritas em braile pela Senhora Maria da Madre de Deus Pereira Coutinho e das camadas da elite portuguesa, obras oriundas da Espanha e da Alemanha como os manuais didáticos *Encyklopädisches Handbuch des Blindenwesens* (1899) e *Lehrmittel und Schreibmaschinen der Blinde* de Von Director Schleussner (1906) e posteriormente, em meados do século XX, diversas obras oriundas da Fundação Norina Dowill (Brasil).

Considerações finais

As viagens pedagógicas propiciaram os mais diversos encontros nos Congressos e Exposições Internacionais. Estes eventos não apenas possibilitaram a divulgação de materiais e a adoção de métodos de ensino para os mais diversos espaços como o caso da figura de Adéle, brasileira, filha do Doutor Sigaud. Educada em casa por José Álvares de Azevedo, tornou-se professora do instituto lecionando diversas disciplinas para as meninas. No período em que esteve no instituto, trocava correspondências com o Instituto de Paris, aprimorando seus conhecimentos. Na década de 1880, viaja para a Europa e, durante sua estadia em Portugal, promoveu, com a parceria de León e Branco Rodrigues a institucionalização da educação dos cegos em Portugal por meio da fundação da Associação Promotora de Cegos em Portugal.

O que chama a atenção desta figura na educação dos cegos é o seu perfil: mulher,

cega, filha de um médico da Côrte Imperial, educada em casa, torna-se a primeira professora da primeira instituição de cegos no Brasil no século XIX, que não apenas formou meninas, mas propagou seus conhecimentos tanto no país “colonizador” quanto no país em que serviu de modelo para a implementação de métodos. Ou seja, a questão de gênero não foi impeditivo para a sua ascensão, mas foi o seu status social que a manteve numa posição privilegiada.

Analisando os materiais pedagógicos e o Jornal dos cegos, podemos entendê-los como artefatos globais, pois não foram apenas feitos e transformados pelas mãos humanas, mas sim, foram veículos de informação, comunicação e manipulação, o qual o entendemos a partir da perspectiva de Chiarotti (2005, p. 305):

O artefato, por essa perspectiva, é um instrumento criado pelo homem que só terá sentido se o mesmo for usado em alguma atividade. É definido por uma ação, ou uso, que lhe é destinada. Um objeto material, um instrumento, ou ainda, um artefato é concebido para uma coisa, no entanto, se precisar de algo que não está na sua concepção primeira, pode se tornar um outro instrumento. Exemplificando: às vezes, quando se precisa de uma chave de fenda para tirar um parafuso, se esta não existir, recorre-se a uma faca de cozinha para retirá-lo. Assim, a função foi dada pelo uso e não pela concepção pronta e acabada.

Desta maneira, o método intuitivo fez-se presente tanto em espaços escolares quanto no meio de comunicação e, no nosso caso, impresso. Esta presença marcou a relação dos sujeitos com os objetos, seus usos, utilizações numa relação de mediação entre cognição-ação e pela interação do sujeito-objeto (Rabardel, 2005), nos remetendo as primeiras ideias acerca destes instrumentos como artefatos globais.

Desta maneira, o paradigma transnacional (Zucchi, 2012)³ fez-se presente no interior do Asilo de Cegos de Castelo de Vide, demonstrando que modelos de ensino circularam e fizeram-se presentes, contando inclusive com a participação da experiência brasileira, a qual a antiga colônia transformou-se em modelo para a metrópole.

³ Também serviram como referências teóricas para a presente pesquisa autores que utilizaram em suas análises históricas o ponto de vista transnacional. Nesse sentido, ao contrário de adotar o já questionado e superado paradigma das “ideias fora de lugar”, esses autores ao investigar diversas questões históricas refutam o princípio pelo qual as ideias ou conjunto de ideias formulados na Europa e nos Estados Unidos serviriam como um “modelo” que, ao ser adotado por pessoas de outros países seria entendido sempre como uma “cópia imperfeita” com relação àqueles que a pensaram “em primeiro lugar” (ZUCCHI, 2012, p. 18).

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Aline, “Ver” pelo mundo do toque e “ouvir” pelo silêncio da palavra: a educação de crianças cegas e surdas no Brasil (1854-1937), Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade, São Paulo, PUC - SP, 2018.

AMADO, M.C.T.M.R.C. *Escritos em branco*. Rupturas da ciência e da pedagogia no Portugal Oitocentista: o ensino para cegos no Asilo-escola António Feliciano de Castilho (1888-1930). Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, 2007.

CHIAROTTI, T.M. O patrimônio histórico edificado como um artefato arqueológico: uma fonte alternativa de informações. Revista *Habitus*, Goiânia, v. 3, n. 2, p. 301-319, jul./dez. 2005. Texto disponível em: <http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/viewFile/61/61> . Acesso em: 08/08/2019.

FERNANDES, Rogério. Educação e ensino popular na Madeira (Sec. XVIII – 1840). In: FELGUEIRA, Margarida Louro; MENEZES, Maria Cristina (Orgs.). Rogério Fernandes: questionar a sociedade, interrogar a história (re)pensar a educação. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

HENRIQUES, Hélder Manuel Guerra; ALMEIDA, Aline Martins de. O jornal de cegos: uma revista de typhlogia, educação, ensino intelectual e profissional dos cegos, 2017 (no pelo).

KUHLMANN Jr., M. *As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1996.

MADI FILHO, J.M.I. *Animais taxidermizados como materiais de ensino em fins do século XX e começo do XX*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

ZUCCHI, B.B. *Curso de quadros: formação de professores e instrutores pelo/para o SENAI – São Paulo (1942 – 1955)* Doutorado (Tese) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

Fontes:

JORNAL DOS CEGOS: revista de tiflogia: revista de educação e ensino intelectual e profissional dos cegos. Lisboa, 1895-1920.